



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ANA MARIA DANTAS BARBOSA

**APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS – CONCEPÇÕES DE
PROFESSORES**

NATAL/RN
2018

ANA MARIA DANTAS BARBOSA

**APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS – CONCEPÇÕES DE
PROFESSORES**

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagogo.

Orientadora: Professora Dra. Giane Bezerra Vieira

NATAL/RN
2018

ANA MARIA DANTAS BARBOSA

APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS – CONCEPÇÕES DE PROFESSORES

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado pela aluna Ana Maria Dantas Barbosa, apresentado à coordenação do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em ___/___/2018, sendo auferido o conceito (_____) conforme avaliação do (a) professor (a) e a banca examinadora constituída pelos professores:

Prof.^a Sr.^a Giane Bezerra Vieira
PRESIDENTE

Prof.^a. Sr.^a Jacylene Melo de Oliveira Araújo
1^a examinador

Prof. Dr. Francisco Cláudio Soares Júnior
2^o examinador

Aprovada em: ____ de _____ de 2018.

NATAL/RN
2018

Aprendizagem de Jovens e Adultos – Concepções de Professores da EJA

ANA MARIA DANTAS BARBOSA¹
ORIENTADORA: Prof.^a Dra. GIANE BEZERRA VIEIRA²

RESUMO

O presente artigo tem como objeto de estudo as concepções de professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos – EJA – sobre a aprendizagem desses alunos, assim como sobre fatores que interferem nela. A aprendizagem, como um fator essencial no contexto da atividade escolar, foi investigada com o objetivo de promover uma reflexão acerca das necessidades e dificuldades que permeiam o processo de ensino e suas implicações na aprendizagem do universo de jovens e adultos. Nesse sentido, este trabalho fundamenta-se nas leituras realizadas de Arroyo (2006), Solé (2006), Kuark (2010), Freire (1979, 1989 e 1996), Ferreira (2007), Oliveira (1999), Marchand (2005), Piconez (2003), Ries (2006), assim, buscamos, por meio de uma pesquisa exploratória, investigar quais as concepções que os professores da EJA possuem sobre a aprendizagem dos seus alunos. Nesse sentido, optamos como instrumento de pesquisa a utilização de questionário e entrevistas com dois professores que lecionam na EJA, em uma Escola Municipal localizada Zona Oeste de Natal/RN. Os dados construídos na pesquisa revelam que os professores concebem a aprendizagem dos alunos de maneira predominantemente positiva. A valorização dos conhecimentos prévios dos alunos é um fator de motivação para esses estudantes que trazem consigo a sede de aprender, seja para uma ascensão profissional ou realização pessoal. O envolvimento e a dedicação desses professores, que acreditam no potencial dos alunos da EJA, demonstram que o aprendizado acontece mesmo quando eles não conseguem aprender os conteúdos escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Educação de Jovens e Adultos. Concepção de professores.

¹ Ana Maria Dantas Barbosa, aluna concluinte do curso de graduação em Pedagogia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – E-mail: anabarbosa6@hotmail.com.

² Professora Dra. Giane Bezerra Vieira - Professora Adjunta do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação, vinculado ao Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutora em Educação. Orientadora do trabalho – E-mail: gianebvieira@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A temática desse artigo partiu das nossas vivências com alunos e professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) durante estágio curricular realizado no transcorrer do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em uma escola da rede municipal de Natal-RN.

A turma na qual estagiamos tinha uma peculiaridade, pois a diferença de idade entre os alunos e o desnível acentuado na aprendizagem era enorme e, o fato de serem alunos de uma mesma sala aula, dificultava o trabalho dos professores. Tendo em vista que é preciso proporcionar o desenvolvimento e o aprendizado de forma a alcançar todos os discentes em suas particularidades, para isso se faz necessário criar estratégias didáticas diferenciadas de modo que supram esse desnível entre os alunos. Daí, sentimos a necessidade de investigar como professores que atuam em turmas da EJA concebem a aprendizagem de seus alunos. Para tanto, duas questões emergiram: Como se dá a aprendizagem desses alunos? Que fatores interferem nessa aprendizagem?

No desenvolvimento dessa pesquisa, partimos do seguinte pressuposto: Os alunos da EJA, frequentemente não se permitem envolver por uma proposta de trabalho pedagógico diferenciada, devido à presença muito forte do ensino tradicional – que os excluiu de inúmeras maneiras; além disso, o cansaço do trabalho desanima e desestimula os discentes. Por esse motivo, são necessárias estratégias de ensino que os motive a continuar, uma vez que na modalidade da EJA há muitas particularidades que levam o aluno a não ter estudado na “idade certa”, o que torna a sua aprendizagem diferenciada da aprendizagem dada em percurso “ideal”.

Neste trabalho, buscamos informações sobre o aprendizado dos alunos da EJA segundo a concepção de professores, por meio de entrevista e questionário para obtenção de informações dos próprios professores de uma Escola Municipal do município de Natal, quanto as suas concepções sobre, como se dá esse aprendizado na idade adulta.

Na EJA há uma série de problemas que interferem e afetam o desenvolvimento cognitivo do educando, assim como vários são os fatores que o fizeram não estudar em idade dita regular. Porém, é preciso compreender esse sujeito como um ser social que aprende no seu cotidiano em ambiente não escolar,

seja no trabalho, roda de amigos, grupo familiar e outras esferas de relações culturais.

Nesse sentido, esse trabalho está fundamentado e ancorado nas leituras de Arroyo (2006), Solé (2006), Kuark (2010), Freire (1979, 1989 e 1996), Ferreira (2007), Oliveira (1999), Marchand (2005), Piconez (2003), Ries (2006), com isso buscamos, por meio de uma pesquisa exploratória, compreender como os professores da EJA concebem a aprendizagem dos seus alunos. Desse modo, os procedimentos de construção de dados foram: questionário³, para levantar dados sobre o perfil acadêmico dos sujeitos participantes; e, entrevistas⁴ semiestruturadas, com dois professores que lecionam na EJA, Zona Leste de Natal/RN, para investigar a concepção destes sobre aprendizagem na EJA⁵.

O presente estudo tem como objetivo principal: investigar a concepção de professores da rede municipal de Natal sobre a aprendizagem dos alunos jovens e adultos.

Com esse norte, o presente artigo abarca em seu conteúdo, além dessa introdução; algumas considerações sobre a aprendizagem dos jovens e adultos, apresentação da pesquisa; discussão e análise das entrevistas realizadas com os professores participantes; e, finalmente, apresentamos as considerações finais, buscando estabelecer as articulações necessárias dos aspectos discutidos, com o intuito de contribuir, de alguma forma, para as questões que inquietam a aprendizagem no âmbito do EJA.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE APRENDIZAGEM DO JOVEM E DO ADULTO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino na qual o sujeito, seja por qual tenha sido a circunstância em sua vida, não conseguiu dar prosseguimento ao ensino fundamental e/ou médio em idade “ideal”, ou mesmo, nunca tenha iniciado seus estudos; mas que, em outra época, decide dar sequência

³ Ver roteiro de questionário no APÊNDICE A.

⁴ Ver roteiro de entrevista no APÊNDICE B.

⁵ Para a realização da pesquisa empírica os participantes assinaram um Termo de Consentimento de Livre Esclarecido contendo a confidencialidade da pesquisa, a autorização da coleta de dados dos sujeitos da pesquisa, a concessão do direito de retenção e uso dos dados coletados dos sujeitos da pesquisa e o contanto para possíveis dúvidas dos sujeitos da pesquisa. O termo completo pode ser visto no APÊNDICE C.

aos estudos ou iniciar esse aprendizado para, realização pessoal, terapia ocupacional ou mesmo aperfeiçoar seu desempenho profissional, melhorando assim suas condições de vida. Esses e outros motivos levam o jovem e o adulto a procurar a escola e esses são sujeitos que trazem consigo o desejo, a motivação assim como sua experiência da vida, seu conhecimento e suas representações de mundo.

Arroyo (2006) descreve as características da demanda de alunos da EJA da seguinte maneira,

[...] desde que EJA é EJA esses jovens adultos são os mesmos: pobres, desempregados, na economia informal, negros, nos limites da sobrevivência. São jovens e adultos populares. Fazem parte dos mesmos coletivos sociais, raciais, étnicos culturais. O nome genérico: educação de adultos oculta essas identidades coletivas. Trata-se de trajetórias coletivas de negação de direitos, de exclusão e marginalização; conseqüentemente a EJA tem de se caracterizar como uma política afirmativa de direitos de coletivos sociais, historicamente negados, tem de ir além das formas genéricas de tentar garantir direitos para todos. Trata-se de direitos negados historicamente. (ARROYO, 2006, p. 28-29).

Os alunos da EJA buscam a oportunidade de retomarem uma formação, de construir um novo aprendizado a ser sistematizado e acrescentado aos seus conhecimentos de mundo e, ao mesmo tempo, lutam pela oportunidade de resgatar os direitos que lhes foram negados em uma vida excluída da escolarização formal.

Portanto, a EJA é um campo de práticas e reflexões que vão além dos limites da escolarização, pois tem uma forte dimensão política. A volta à escola depois de um período de exclusão tem um caráter emancipador e criativo. A esse respeito, Paulo Freire nos diz que,

Em todo homem existe um ímpeto criador. O ímpeto de criar nasce da inclusão do homem. A educação é mais autêntica quanto mais se desenvolve este ímpeto ontológico de criar. A educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidades para que os educandos sejam eles mesmos. (FREIRE, 1979, p.17).

Ao se falar em EJA é preciso pensá-la e buscar compreendê-la como direito de todos, que acontece ao longo da vida, tendo como objetivo a integração com mais plenitude do cidadão na sociedade, e na garantia de seus direitos a escolarização. Nesse contexto, é fundamental uma reflexão sobre o conceito de aprendizagem nesse ciclo de vida, visto que, historicamente, ainda é muito forte a ideia de que os jovens e adultos são incapazes de aprender.

Ries (2006) conceitua aprendizagem do adulto como,

A aprendizagem é um processo altamente complexo que opera mudanças na forma do sujeito se relacionar com o meio que o cerca. Isto pode ser explicitado através de novos padrões de ação, alteração no *modus operandi* ou até abandono de ações que vinham se mostrando ineficazes nas interações com o ambiente. (RIES 2006, p. 24, grifos do autor).

É sabido que a aprendizagem se dá durante toda a vida do indivíduo em etapas e de maneiras diferentes para cada ser e quanto a isso Ries (2006, p. 25) afirma que,

As pesquisas, no entanto, demonstraram que existem algumas aprendizagens que precisam ocorrer em determinadas idades ou etapas, sob pena de inviabilizar o desenvolvimento integral da pessoa. Cada etapa da vida exige aprendizagens cruciais para a própria fase que o indivíduo vive. Isto é verdade para a infância, como o é também para a adolescência e para as diferentes etapas adultas. (RIES, 2006, p. 25).

Essa aprendizagem torna-se cada vez mais desafiante, tendo em conta o mundo globalizado no qual este sujeito está inserido e as necessidades que o leva a retornar a sala de aula e poder interagir nesse mundo. Para Arroyo (2005), faz-se necessário começar por conhecer os sujeitos da EJA, bem como a trajetória histórica dessa modalidade de ensino no país. Conhecendo essa história, há ainda a necessidade de abandonar a visão ainda das “carências e lacunas no percurso escolar”, e passar a perceber que elas estão ligadas às carências sociais.

Segundo Marchand (2005, p. 21), “embora pareça ter a virtude da simplicidade, o critério cronológico não é o melhor critério para caracterizar o desenvolvimento do adulto, em particular”. Esses alunos trazem experiências de vida o que proporciona uma maior capacidade de correlação entre os conhecimentos escolares e a realidade do mundo. Dessa maneira, a construção do aprendizado não se dá apenas através da leitura (verbal) e escrita, mas também dessa leitura de mundo e da palavra conhecida e vivida pelo aluno. Nesse sentido, a reflexão de Freire (1989, p. 18) aponta que,

[...] o alfabetizando, e não o analfabeto se insere num processo criador, de que ele é também sujeito [...] a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e temas significativos à experiência comum dos alfabetizandos e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educando. (FREIRE, 1989, p. 18)

Trazendo suas experiências e expectativas, histórias de fracassos e sucessos, a valorização dos depoimentos e das vivências dos alunos torna o aprendizado mais interessante e construtivo. Se esses alunos compartilham com os colegas e refletem durante a realização das atividades, as aulas tornam-se mais significativas para eles, assim, os professores devem trabalhar valorizando o conhecimento adquirido por cada um. Desse modo, os Parâmetros Curriculares Nacionais ponderam que,

Para que uma aprendizagem significativa possa acontecer, é necessário investir em ações que potencializem a disponibilidade do aluno para a aprendizagem, o que se traduz, por exemplo, no empenho em estabelecer relações entre seus conhecimentos prévios sobre um assunto e o que está aprendendo sobre ele. (BRASIL, 1998a, p. 93).

A valorização dos depoimentos e das vivências dos alunos torna o aprendizado mais interessante e construtivo, uma vez que esses alunos adultos podem compartilhar e refletir durante a realização das atividades, que se tornam cada vez mais significativas para todos, tanto alunos quanto professores. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecem que,

Deve-se dar especial atenção ao aluno que demonstrar a necessidade de resgatar a auto-estima. Trata-se de garantir condições de aprendizagem a todos os alunos, seja por meio de incrementos na intervenção pedagógica ou de medidas extras que atendam às necessidades individuais. (BRASIL, 1998a, p. 92-93)

Os desafios ligados à aprendizagem do jovem e do adulto estão ligados a uma série de fatores que podem afetar a motivação em seu processo de aprendizado, entre eles, as expectativas e estilos dos professores, seus próprios desejos e as aspirações familiares, os colegas de sala, as estruturas e organizações das aulas, o espaço físico da sala de aula, como também o currículo escolar e, principalmente, as características individuais de cada um dos alunos.

Assim, a motivação do sujeito se constitui de um conjunto de fatores que se inter-relacionam em operação conjunta, interferindo de maneira satisfatória ou desestimulante na aprendizagem.

Abordando esse tema, Solé (1998, p.38-39), expõe que, [...] os alunos constroem representações sobre a própria situação didática, que pode

ser percebida como estimulante e desafiadora, ou pelo contrário, como, intragável e tediosa, desprovida de interesse ou inatingível para suas possibilidades.

Solé (2006) afirma ainda, que a motivação do aluno jovem e adulto está relacionada com os enfoques de ensino trabalhados pelo professor. As práticas fundadas na transmissão e memorização de conteúdos, que levam o aluno a ter como meta a obtenção de uma nota para ser aprovado, constituem o enfoque superficial e não o motivam a uma verdadeira aprendizagem. Enquanto que as formas de ensino organizadas em torno da problematização e construção partilhada de conhecimentos, caracterizam o enfoque profundo e se apresentam como elementos de motivação que podem provocar transformações no pensamento dos alunos.

Marchand (2005) discute sobre o envelhecimento e as concepções positivas e negativas que afetam o aprendizado na fase adulta. Nesse sentido, a autora define a vida ser humano adulto por etapas, estando a vida adulta alocada no espaço que abraça dos 18-20 anos até aos 65-70. O período que inicia aos 70 anos é designado como velhice ou terceira idade. Para a autora, o período de vida adulta é o mais longo e também o mais complexo da vida. Porém, ele sempre foi caracterizado pelo declínio das capacidades adquiridas em etapas anteriores, estando essa visão muito ligada e estereotipada pelo fator “envelhecimento”, e que parte da concepção negativa construída sobre a aprendizagem na vida adulta.

Marchand (2005) admite que, com o avanço da idade, algumas capacidades biológicas são afetadas e lista alguns exemplos:

O tempo de reação; a flexibilidade visual e motora; a agilidade mental; a capacidade de transferência; a concentração da atenção; a aquisição de novos conceitos e a aplicação dos conceitos existentes, rápida e adequadamente, a situação complexas; a resolução de tarefas não familiares e não sujeitas a treinos; a adaptação a novas situações. (MARCHAND, 2005, p.16).

Essa mesma autora indica ainda que, por volta dos anos 60 do século XX, a concepção puramente negativa das fases adultas e da terceira idade foram questionadas uma vez que estudos mostravam que, “o declínio intelectual com a idade não era inevitável, permanecendo a inteligência relativamente estável durante a vida adulta” (MARCHAND, 2005, p.16). E ao invés do declínio linear, alguns autores propuseram moldes de inteligência em duas dimensões “– a inteligência

fluida e a inteligência cristalizada”. A primeira, diz respeito ao “conjunto das capacidades básicas, tais como a atenção, a memória, e as capacidades de raciocínios” (MARCHAND, 2005, p.16), ou seja, a dependência das influências biológicas e fisiológicas da escolaridade formal, onde foi encontrado declínio. A segunda, a inteligência cristalizada, que é “o conjunto de competências e de conhecimentos que dependem da aculturação, ou do desenvolvimento adquirido” (MARCHAND, 2005, p.16), houve uma estabilização ou aumento das capacidades mentais.

Porém, estudos posteriores, mostraram que mediante motivação, o desenvolvimento dos idosos aumentava de maneira significativa, esses efeitos constatados com a estimulação da inteligência foram de “importância fundamental na passagem da abordagem negativa para a abordagem positiva da vida adulta” (MARCHAND, 2005, p. 17).

Com efeito, ao mostrarem que o declínio não era irreversível e resulta, em grande parte, do desuso, podendo ser controlado através de intervenções relativamente simples de treino educacional; ao salientarem que a inteligência do adulto é muito mais plástica do que se supunha e que o declínio intelectual reflecte mais diferenças de desempenho (performance) do que diferença de competência, deram base empírica a uma concepção de inteligência caracterizada por uma maior plasticidade do que então se pensava. (MARCHAD, 2005, p. 17).

Mesmo com resultados significativos refletindo uma abordagem positiva da vida adulta, há ainda, profissionais que trabalham com o público adulto e idoso, de forma a manifestar uma concepção negativa, principalmente em se tratando de idoso, percebido na maneira como interagem com eles.

A autora cita ainda a existência de barreiras disposicionais associadas à atitudes de auto percepções das pessoas, enquanto educandos, que tem fortes implicações em seus desempenhos, assim sendo,

Uma dessas barreiras é a interiorização do estereótipo que associa a idade adulta e, sobretudo, a velhice a declínio nas capacidades cognitivas, conduzindo a profissionais de baixa realização que, em certos casos, se concretizam. (MARCHAND, 2005, p.18).

Portanto, no século XX, a partir dos anos de 80, surge uma abordagem dita positiva da vida adulta e são propostas novas metodologias de avaliação dos desempenhos dos adultos e dos idosos. Nessa nova metodologia, está inclusa a

utilização de questionários e entrevistas semiestruturadas, as quais são mais adequadas a situações familiarizadas e confrontadas no cotidiano dos adultos.

De acordo com Marchand (2005), existem diferentes fases no desenvolvimento do jovem ou adulto. Ser jovem compreende o período percebido dos 20 aos 40 anos; a fase da meia idade, determinado como o período dos 40 aos 60 anos e a fase final da vida a partir dos 65-70 anos.

Segundo Marchand (2005), a influência de abordagens positivas na vida adulta e no estudo da sabedoria tem destaque três principais abordagens psicológicas: “a abordagem que se baseia em “juízos sociais”; a abordagem que se centra na personalidade e a abordagem que se centra na cognição” (MARCHAND, 2005, p.18). Assim, a primeira abordagem está baseada em concepções populares de sabedoria. A segunda norteia-se em teorias do desenvolvimento da personalidade. E a terceira, baseia-se em diversas teorias voltadas aos domínios reflexivos, como moralidade e espiritualidade, ou mesmo as teorias que estudam a maestria cognitiva.

De acordo com Marchand (2005, p. 23), o desenvolvimento do sentido de identidade, ideia central da sua teoria, é resultado da interação entre instintos inatos e exigências da sociedade. “À medida que as pessoas se desenvolvem a sociedade vai colocando novas, e cada vez mais complexas, exigências, às quais se devem adaptar. Cada nova exigência provoca uma crise”.

A concepção negativa relacionada à vida adulta e ao envelhecimento que predominava no século XX até a década de 1940, em que se conceituava o processo de envelhecimento como declínio progressivo físico e intelectual podendo se manifestar precocemente a partir dos 30 anos de idade – nas décadas finais do século XX foi substituída por uma abordagem positiva dessa fase da vida, dessa forma,

Não só envelhecimento cognitivo se manifesta em idades avançadas (a partir dos 70-80), como não é um processo homogêneo que afeta da mesma maneira as diferentes capacidades, havendo pessoas, sobretudo as que desenvolvem intensa actividade intelectual, que não perdem capacidades durante todo o seu ciclo de vida. (MARCHAND, 2005, p.44).

A autora acrescenta ainda que se o desempenho das pessoas adultas e idosas pode ocorrer de forma insatisfatória nem sempre significa a diminuição de competências, mas “em muitos casos, os baixos desempenhos dos idosos, em

determinadas tarefas, não significam diminuição de competências. Antes, uma utilização inadequada de estratégia na resolução das tarefas” (MARCHAND, 2005, p. 44).

Concordando com essa posição, ser adulto não corresponde somente a idade cronológica, ter mais de 18 anos, estar trabalhando, responsabilizar-se e ter independência financeira. Mas, saber ter controle diante de situações as quais se depara diariamente e que se definem como difíceis; aprender o caminho da busca de maturidade para resolver os problemas, ter um nível de entendimento e compreensão, maturidade emocional e certa segurança e confiança em si mesmos. Assumir os riscos de suas ações e arcar com suas consequências das mesmas, são atitudes perceptíveis no adulto.

O ser humano se torna mais capaz e evolui no/com processo de maturidade, de tornar-se adulto, afinal ser um adulto não é uma tarefa fácil, pois é uma luta constante e se aperfeiçoa no decorrer do tempo. O ser adulto aprende com tudo, e das situações tira aprendizados positivos e negativos, se não aprendeu, aprende que não aprendeu, ou que ainda não aprendeu.

Segundo Piconez (2003), o adulto em linguagem corrente, é aquela pessoa que se encontra localizada entre a adolescência e a velhice e possui algumas qualidades e características específicas.

As características determinantes pelas quais pode ser determinado esse conceito de adulto, além das características físicas, fundamentam-se segundo Piconez (2003, p. 1), na.

Aceitação de responsabilidades e equilíbrio de responsabilidade. É o traço mais notável da personalidade do adulto. O adulto é aquele que sabe que é responsável por seus atos, por conseguinte responde socialmente por seus atos. Predomínio da razão - deve ser capaz de ver com objetividade o mundo e os acontecimentos da vida. Seu modo de se comportar baseia-se na capacidade de generalizar, julgar, deduzir, induzir segundo uma linha de raciocínio. (PCONEZ, 2003, p. 1)

Faz-se necessário que os professores desse público alvo, reflitam e busquem compreender esses alunos no enfrentamento dos desafios da sua aprendizagem e considerem suas referências, o que tem significado para eles; suas compreensões iniciais; seus ritmos de aprendizagem. Sobre essa relação, Piconez (2003, p. 3) afirma que a aprendizagem do adulto depende de,

- Significação – O adulto busca sempre uma resposta para a questão: o que isso significa para mim?
- Compreensão inicial – Tem que ficar compreendida, desde o início a atividade de ensino aprendizagem, a determinante inicial, o caminho a ser percorrido e o objetivo.
- Ritmo – o respeito ao ritmo individual e um fator de fundamental importância. Os adultos gostam de atuar e sua produção se amplia mais quando essa característica individual é respeitada. (PICONEZ, 2003, p. 3).

As expectativas desses educandos são fundamentais na definição do que eles vão aprender e o diagnóstico inicial de uma turma de jovens e adultos deve levar em consideração:

- Participação – As atividades de ensino – aprendizagem com adultos, podem e devem proporcionar momentos de participação ativa. A referência deve ser de onde se parte (conhecimentos anteriores dos alunos) para onde se quer chegar (níveis diferentes de práticas, informações e conhecimentos).
- Adequação – Todos os componentes do planejamento e da ação devem ser avaliados e ajustados conforme as necessidades diagnosticadas durante as atividades da sala de aula.
- Interdisciplinaridade – como as atividades se inter-relacionam com as demais, trabalhadas por outros, em diferentes situações, e por diferentes outras informações. (PICONEZ, 2003, p. 3).

Outro desafio enfrentado na sua disposição para aprender é a vergonha de não saber. Essa vergonha pode ser o primeiro passo a ser vencido, o obstáculo inicial a ser superado para que o adulto possa agregar e manifestar novas aprendizagens, tornando-se uma pessoa melhor e mais confiante.

Essa confiança pode se construída juntamente com outros adultos em condições semelhantes mediante o compartilhamento de vivências, reorganização de seus significados. Nesse contexto, educador da EJA, tem um papel fundamental no despertar desse aprendizado e quanto a isso Piconez (2003, p. 3, grifos do autor), afirma que,

O educador de adultos tem a autoridade funcional de um conselheiro e não um poder autoritário como dono da verdade, fonte de conflitos. No processo de aprendizagem só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, **construindo e re-construindo seus significados**, podendo por isso mesmo reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido às situações existenciais concretas ou de realizar a “leitura do mundo” com condições de compreendê-lo. (PICONEZ, 2003, p. 3).

Em suma, a leitura dos autores citados, nos leva à compreensão de que a aprendizagem do jovem e do adulto é um processo que tem dimensões biológicas e

sociais e que se refere à apropriação dos conceitos de uma cultura. Apesar de ter prevalecido durante muitos anos a concepção de que os jovens e adultos não são capazes de aprender, Marchand (2005) recupera a concepção positiva da vida adulta, trazendo conceitos que nos fazem refletir sobre esses sujeitos como seres capazes de construir conhecimento e evoluir cognitivamente e culturalmente.

3 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL LÓCUS DA PESQUISA

A Escola Municipal Lócus da pesquisa está localizada na Zona Oeste da capital do estado do Rio Grande do Norte, Natal.

A referida escola foi criada em 29 de agosto de 1988, sob o Decreto nº 3.747 da Prefeitura Municipal do Natal/RN, publicado no Diário Oficial nº 6.930 de 19 de novembro de 1988. Inicialmente, sua proposta previa o atendimento em tempo integral de crianças e adolescentes das proximidades da escola, que estivessem fora dela. Em fevereiro de 1993, por meio do Decreto de nº 4.953 da Prefeitura Municipal do Natal/RN, publicado no Diário Oficial nº 7.962 de 10 de fevereiro de 1993, a escola passa a ser classificada pela Secretaria Municipal de Educação como de médio porte, abraçando o Ensino de 1º Grau, pois a partir daquela data passaria a funcionar em regime de tempo regular.

A escola homenageia em seu nome um educador, adepto da palmatória, cocorote e do beliscão como “recursos pedagógicos”. De acordo com Cascudo (1998), o professor “desasnou” meninos durante 56 anos, sendo reconhecido por sua autoridade, responsabilidade e compostura.

A escola vem, segundo o INEP-APA Setor de estatística (2016), apresentando o seguinte quadro com relação ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

QUADRO 1 - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (IDEB) NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR ZUZA

Ano	2005	2007	2009	2011	2013	2015
Nota	2.3	2.9	2.4	3.4	3.3	3.8/4.22

*3.8 com relação aos anos iniciais e 4.2 aos anos finais.

Fonte: INEP 2016 disponível em: natal. rn.gov.br/sme/paginas/File/IDEB_2015.pdf.

A Escola, segundo o censo do INEP de 2016, trabalha com a modalidade regular do ensino fundamental (anos iniciais e finais) e a modalidade da Educação de Jovens e Adultos (ensino fundamental supletivo).

A escola é estruturada fisicamente da seguinte maneira: 03 blocos, com um total de 13 salas de aulas utilizadas; sala de diretoria; secretaria; sala da coordenação; sala de professores; laboratório de informática; sala de multimídias; sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE); sala de judô; quadra de esportes coberta; cozinha; biblioteca; sala de jogos; sala verde; sala de vigia; banheiros (masculino e feminino de funcionários e estudantes), adequados a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida; dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida; refeitório, despensa; almoxarifado; auditório; pátio coberto e área verde; campo de areia e espaço para realização de horta.

No que é referente aos equipamentos, escola dispõe de: computadores administrativos, computadores para os alunos, TV, DVD, copiadora, impressora, aparelho de som, projetor multimídia (Datashow) e câmera fotográfica/filmadora.

Relativo à infraestrutura, a escola dispõe de alimentação para os alunos, água filtrada, água da rede pública, energia da rede pública, esgoto da rede pública, acesso à internet banda larga e lixeiras destinadas à coleta periódica.

O dia a dia dos alunos da turma da EJA na escola começa, geralmente, com o jantar no refeitório após a chegada, para, logo após, irem para a sala de aula. Aqueles que dispensam o jantar aguardam os demais colegas com professora na sala conversando e tirando dúvidas.

A escola funciona de segunda à sexta-feira em três turnos. Durante a manhã, funciona regularmente das 7h às 11h30min, oferecendo Ensino Fundamental I, sendo 01 turma de 1º ano; 02 turmas de 2º ano; 02 turmas de 3º ano; 02 turmas de 4º ano e 03 turmas de 5º ano.

No turno vespertino, o funcionamento é das 13h às 17h30min e oferece-se o Ensino Fundamental II, com 04 turmas de 6º ano; 04 turmas de 7º ano; 02 turmas de 8º ano e 02 turmas de 9º ano.

Já no turno noturno, a escola funciona das 19h às 22h e oferece a modalidade da Educação de Jovens e Adultos, sendo 01 turma do nível I; 01 turma do nível II; 02 turmas do nível III e 02 turmas do nível IV. Podendo esses dados serem alterados em cada ano, dependendo da demanda de matrícula da escola.

No turno noturno, horário em que funciona a Educação de Jovens e Adultos (EJA), a escola atende a alunos que por algum motivo não puderam realizar seus estudos no período da infância e adolescência de forma regular. Nessa modalidade de ensino é exigida da equipe de coordenação pedagógica e dos professores uma ação educativa diferenciada, objetivando suprir as necessidades e anseios dos seus alunos, cujas histórias de vida são, em geral, marcadas pelo fracasso escolar.

3.1 CONCEPÇÕES DE PROFESSORES SOBRE A APRENDIZAGEM NA EJA

No presente estudo utilizamos uma abordagem qualitativa de pesquisa, que segundo Kuark (2010, p. 26),

[...] há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Dentro dessa abordagem qualitativa, realizamos uma pesquisa exploratória, que tem o objetivo de “identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Aprofunda o conhecimento da realidade porque explica a razão, o porquê das coisas” (KUARK, 2010, p. 26).

Os procedimentos de construção de dados usados foram: questionário para traçar o perfil dos participantes da pesquisa bem como entrevista semiestruturada de caráter exploratório e de forma direta. “A entrevista direta é aquela em que o entrevistador se posiciona frente ao entrevistado; ela é presencial: o entrevistador indaga e o entrevistado responde” (KUARK, 2010, p. 64).

A entrevista teve como objetivo compreender os significados expostos pelos professores (as) e apreender os elementos essenciais de suas falas, em articulação com o objeto de estudo. Da mesma forma, aplicamos o questionário para traçar o perfil pessoal e acadêmico dos sujeitos da pesquisa. A entrevista semiestruturada também permitiu diálogo com os (as) investigados (as) sobre o tema abordado.

A entrevista semiestruturada contém questões ligadas ao objeto de estudo que é investigar a concepção de professores sobre a aprendizagem na EJA: 1)

Como você define seu aluno Adulto?; 2) Você acha que o seu aluno é capaz de aprender?; 3) Sua turma apresenta dificuldade de aprendizagem? Quais as maiores dificuldades detectadas?; 4) Os seus alunos têm motivação para aprender? Em que situações?; 5) Relate uma situação em que seu aluno não aprendeu. Por que ele não aprendeu?; 6) Relate uma situação que ele aprendeu. Por que ele aprendeu?; 7) Que estratégias de aprendizagem um(a) Professor(a) pode construir para motivar seus alunos?; 8) Você faz uso dessas estratégias? Com que frequência?

A entrevista e o questionário foram realizados com dois sujeitos, um professor e uma professora⁶, de uma Escola Municipal, do município de Natal. Sendo um professor do Nível I e o outro do nível II da EJA. No tocante à escolha dos sujeitos participantes da pesquisa, deu-se de maneira voluntária após a apresentação do tema e metodologia a ser utilizada, pelo interesse demonstrado em participar ou não da pesquisa.

Para realização da análise das falas dos (as) entrevistados (as), foram feitos alguns recortes, para prevenir qualquer tipo de identificação dos participantes, sem, contudo, diminuir a essência das ideias dos mesmos.

No quadro a seguir descrevemos o perfil dos dois professores participantes, onde informamos a formação, o tempo de atuação de docência, o tipo de instituição de ensino superior que cursou Pedagogia (público ou privado), o nível de ensino que leciona no lócus de pesquisa e, as atividades de formação que participou nos últimos 10 anos.

⁶ Denominamos o professor de Paulo Freire e a professora de Marta Kohl para preservar a identidade dos sujeitos, como está previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Informamos aos entrevistados que suas identidades seriam preservadas e que utilizaríamos nomes fictícios. Assim, decidimos que seus nomes seriam o de escritores renomados que teorizam sobre EJA.

QUADRO 2 - CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR ZUZA (2018)

SUJEITOS	CARACTERÍSTICAS DOS SUJEITOS											
	FORMAÇÃO			TEMPO DE DOCÊNCIA		TIPO DE INSTITUIÇÃO		NÍVEIS DE ENSINO		ATIVIDADES DE FORMAÇÃO RELEVANTE NOS ÚLTIMOS 10 ANOS		
	Pedagogia	Especialização (Em EJA)	Especialização (Psicopedagogia)	5 – 10 Anos	Mais De 10 Anos	Público	Privado	Nível I	Nível II	Gestão	Formação Continuada	Jornadas
Marta Kohl	X	X			X	X		X			X	
Paulo Freire	X		X		X	X			X	X	X	X

A professora Marta Kohl, tem 57 anos, com graduação em Pedagogia pela UFRN e especialização em EJA, ela trabalha na educação há 33 anos, sendo 20 anos esses, na EJA. Ela já trabalha há 15 anos na escola lócus deste trabalho, e, atualmente, tem 23 alunos matriculados em sua sala de aula. É professora efetiva do município de Natal e participou de cursos de formação continuada

O professor Paulo Freire tem 36 anos, com graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraí (UVA) e especialização em Psicopedagogia, pela UFRN. Trabalha na educação há 18 anos, sendo 14 anos na EJA e há 02 anos trabalha na escola lócus deste trabalho. Atualmente, tem 26 alunos matriculados em sua sala de aula. É professor efetivo do município de Natal e participou de cursos de formação continuada.

Ao analisar esses perfis, verificamos que os professores que colaboraram para essa produção, têm formação voltada para a EJA especificamente, e com experiências nesse nível de ensino para serem compartilhadas neste trabalho.

É necessário destacarmos que o conceito de concepção usado neste artigo, refere-se à ideia de conceber e está voltado à construção de aprendizagens, mediada por significações. De acordo com Ferreira (2007) conceber tem o significado de ter ideias, ajuizar valorativamente um objeto ou um fenômeno. Ideias

que são socialmente construídas e entrelaçadas às maneiras de inserção e participação dos sujeitos na sua cultura e na sociedade na qual está imerso.

3. 2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E SEUS RESPECTIVOS EIXOS DE ANÁLISE

Na intenção de dar continuidade ao presente artigo, apresentamos a análise das falas dos entrevistados, foram feitos recortes nas falas dos professores, buscando precaver de qualquer tipo de identificação dos envolvidos, porém, mantendo o sentido essencial das ideias expostas.

Após a realização das entrevistas com professores (as) e partindo da leitura de suas falas, dividimos alguns eixos a serem analisados a respeito das concepções desses professores: 1 - O perfil do aluno da EJA; 2 - Percepção da capacidade de aprendizagem dos alunos; 3 - Dificuldade de aprendizado dos alunos; 4 - Motivação para aprendizagem; 5 - Situações de êxito na aprendizagem; 6 - Situação de fracasso na aprendizagem; 7 - Função do professor na criação de estratégias de aprendizagem; 8 - Utilização e frequência das estratégias de aprendizagem.

No que diz respeito ao primeiro eixo abordado, **o perfil do aluno da EJA**, obtivemos as respostas que seguem:

a) O aluno jovem e adulto eu compreendo como um ser, que tem sua história e que muitas vezes no início da sua vida escolar não pode estudar, por algum problema ou de ordem familiar, ou porque precisou trabalhar ou enfim, por alguma situação ele não pode ter seus estudos regular. Então ele retorna né? Já protagonista da sua história, já tem muita bagagem no seu passar da vida na sua profissão, então ele já vem com muita bagagem de muita sabedoria do seu saber de mundo, não aquele saber sistematizado que ele tem que buscar na escola. Então a gente procura justamente desenvolver nesse aluno adulto né que retorna a escola, então a gente procura trabalhar, lutar, da melhor forma possível para atender as suas expectativas, porque eles têm uma expectativa não é, eles já vêm com muita coisa e a gente vai transformar esse saber que ele tá no saber sistematizado (MARTA KOHL).

b) É o aluno que não teve a oportunidade, eu creio que em seu desenvolvimento escolar ele não teve oportunidade de concluir os seus estudos. Além disso, são pessoas geralmente, os adultos, que não tiveram a oportunidade ou pela necessidade social mesmo, econômica de sobrevivência, tiveram que deixar a escola pra trabalhar, como é o caso dos mais velhos e no caso dos jovens a grande maioria, foram que não tiveram oportunidade de aprender no tempo ideal na escola. Então ele tem uma história de fracasso escolar, ou por indisciplina ou por dificuldade de aprendizagem né, o nosso jovem o estudante da EJA contemporâneo eu defino assim, o jovem hoje é aquele assim que realmente tem uma história de um fracasso escolar seja ela por parte da escola que não ofereceu as condições necessárias para atingir aquele aluno ou pelo próprio aluno que de alguma forma não apresentou interesse ou motivação, ou pela questão

cognitiva né? Pela dificuldade de aprendizagem, não foi diagnosticado na escola, não teve a oportunidade de fazer um acompanhamento né, uma psicoterapia e por esse motivo ele perdeu a chance a oportunidade de estar numa escola regular e passou a frequentar a EJA. Então o aluno da EJA é um aluno, sobretudo carente, carente do saber, carente da aprendizagem e eu o definiria assim, ele tem muita sede na sua grande maioria, sede de aprender (PAULO FREIRE).

De acordo com as falas, é possível perceber expostas dos professores, uma visão reconhecedora da situação do Aluno da EJA, quanto às dificuldades enfrentadas pelos educandos, mas também uma visão positiva de que esse aluno tem interesse e sede de saber e que, segundo a professora Marta, cabe aos educadores a sistematização desse conhecimento de mundo já adquirido por esse aluno.

Com essa compreensão, voltamos a Piconez (2003, p. 5), quando afirma que.

Os adultos trazem para os encontros de ensino-aprendizagem uma experiência anterior, não tão dependente do educador. Correlacionar o ensino às aprendizagens anteriores do educando é um ponto necessário de sustentação à aquisição de novos conhecimentos.

Com base na fala do professor Paulo, pudemos perceber que o mesmo define o aluno como um ser que teve dificuldades em desenvolver sua aprendizagem em tempo regular, ou aquele que não teve oportunidade, mas que traz consigo vontade de concretizar esse aprendizado.

Nesse segundo eixo quanto à **capacidade de aprendizagem** pelo aluno da EJA, os professores responderam:

a) Sim, todos nós somos capazes de aprender, não tem idade pra si aprender, claro que sim. (MARTA KOHL)

b) Com certeza, ele tem tanto potencial como os demais alunos como os mais jovens os adolescentes e são, sobretudo os mais interessados, os que se mostram com mais sede, os que se mostram mais sedentos do conhecimento são aqueles realmente adultos, né que quando a gente satisfaz a expectativa ou supera as expectativas que eles têm, eles mostram um desenvolvimento bem bacana em relação a aprendizagem". (PAULO FREIRE)

Observando as respostas com referência à capacidade de aprendizado dos alunos, percebemos uma visão positiva tanto da professora Marta, quanto do professor Paulo, quando colocam que "todos somos capazes de aprender", e ainda que esses alunos adultos têm "tanto potencial como os alunos mais jovens".

Ries (2006, p. 35) afirma que “os adultos continuam adquirindo novos conhecimentos e desenvolvendo novas habilidades”. Marchand (2005) também resgata a concepção positiva de aprendizagem na vida adulta e desmistifica a ideia de que os adultos não têm capacidade de aprender.

Em se tratando do terceiro eixo que discute **dificuldades de aprendizagem dos alunos**, obtivemos as seguintes respostas:

a) Eles têm muitas dificuldades de aprendizagem, porque muitos nunca vieram a escola, então eles vêm assim totalmente leigos. Então a gente precisa trabalhar, usar o caderno, é eles compreenderem nesse universo novo que eles estão participando, então precisa ser trabalhado tudo isso, eles encontram assim uma certa barreira pra isso, mas nada que não seja superado, então com muito esforço eles superam. (MARTA KOHL).

b) Certamente, minha turma apresenta dificuldade de aprendizagem, primeiro eu diria que uma que é fundamental, acredito que seja um problema do aluno da EJA das turmas de EJA é a baixa autoestima, eles vêm sem acreditar no potencial que têm eles vêm muitos fechados pra o conhecimento, a maioria deles têm medo de participar, têm medo de errar, sentem muitas vezes frustrados ou incapazes. É necessário todo um trabalho de motivação pra que a gente consiga potencializar aquele aluno né, então esse é um dos principais problemas de baixa autoestima. O segundo problema é a questão da história de fracasso que a maioria traz né, principalmente os jovens, eles não tiveram um rendimento escolar satisfatória na sua adolescência e na sua infância e por isso eles foram fadados à EJA. Então, geralmente os jovens são mais indisciplinados, são mais trabalhosos, mostram menos interesse, porque é necessário uma conquista por parte do professor, pra valorizar aquele potencial e mostrar que ele é capaz né, alguns adultos, todavia apresentam dificuldades cognitivas também né, porque eles tem alguns como também eu sou psicopedagogo, então eu tenho esse olhar mais sensível a essas questões né, alguns deles têm dislexia, outros têm déficit de atenção e outros realmente precisariam de um diagnóstico mais profundo de um estudo realmente de caso pra que a gente pudesse diagnosticar com mais profundidade que realmente a cognição deles é assim muito lenta e muito retardada em relação aos demais alunos, estão esses necessitam sempre de um apoio diferenciado, então tem essas dificuldades na realidade da minha turma desse ano” (PAULO FREIRE).

Ao analisarmos as dificuldades de aprendizagens do aluno da EJA, segundo os professores, os discentes demonstram uma falta de destrezas para lidar com o material didático e a falta de habilidade para manusear o material escolar é perceptível, mas que, de acordo com a professora Marta, no decorrer das aulas, eles adquirem capacidade e superam muitas dificuldades.

Já o professor Paulo aponta como dificuldades de aprendizagem a autoestima baixa, o descrédito em suas próprias potencialidades, o medo de participar e de errar e a frustração devido o histórico do fracasso escolar. Com relação a essas

influências e pensamentos dos educandos que interferem em seu aprendizado (MARCHAND, 2003, p. 18) explica que são diversos os fatores que interferem na aprendizagem do jovem e do adulto, como por exemplo: “as expectativas quanto ao desempenho próprio, ou percepção das capacidades cognitivas próprias; a ansiedade; a falta de confiança; o baixo autoconceito”.

Percebemos ainda que os(as) referidos professores(as) compreendem tais dificuldades, mas também reconhecem, que esses discentes são capazes de aprender com sucesso.

No quarto eixo analisado, concernente – **motivação para aprendizagem** - os(a) professores(as) investigados responderam da seguinte maneira:

a) Olhe, muitos têm, alguns não, muitos tem porque eles querem melhorar no mercado de trabalho, muitos querem para o dia a dia e muitos vêm buscar várias opções de vida. [...] Sim, justamente porque eles vêm buscar, uns é porque eu quero ler a Bíblia, outros dizem, é porque eu preciso da minha carteira de motorista, outros dizem fazer anotações na casa da minha patroa, tem N's situações. (MARTA KOHL).

b) Olhe, eles colocam muito o educador no caso nós, como fator principal da motivação se o professor, se o professor for bom na concepção deles, então a motivação deles é boa pra estudar, o professor ensina bem, o professor explica bem, o professor chega perto da gente, o professor nos dá atenção, o professor é carinhoso. Então, tem essa questão que eles atribuem a motivação na maioria das vezes a quem educa a quem ensina né? É... do espaço é escolar se é prazeroso aprazível né uma boa merenda o acolhimento das pessoas que fazem a escola o envolvimento dos profissionais envolvidos isso é muito importante também pra eles também como eles são recebidos né como a escola os acolhe, os eventos que a escola promove isso motiva muito também e os projetos que a gente desenvolve, com a interação, com a participação pra que a aula não seja monótona, também.. Então eles nessas ocasiões e situações eles relatam que gostam da escola por esse motivo. (PAULO FREIRE).

Observando as respostas dos professores entrevistados a respeito da motivação, verificamos na fala da professora Marta, que ela mostra a relação entre motivação e trabalho e a vida cotidiana dos alunos, como tirar a carteira de motorista, poder realizar leituras e anotações, o que para Piconez (2003, p. 5) trata-se da “[...] percepção da utilidade: (para si e para aqueles pelos quais somos responsáveis para o trabalho a executar, para a consecução dos objetivos pessoais) é motivadora”.

O professor Paulo foi mais abrangente em sua posição, quando coloca que os alunos têm como fator principal de motivação a figura do professor, a atenção e o carinho que o mesmo dispensa aos alunos, ou seja, atribuem sua motivação de

aprender, ao que ensina, suas metodologias de envolvimento e participação dos alunos nos projetos desenvolvidos na sala de aula, mas também outros fatores como: o espaço escolar como um todo, o acolhimento, a merenda oferecida.

Com relação a essa afetividade Solé (2006) afirma que nas representações construídas pelos alunos sobre seus professores, os fatores afetivos são fundamentais. A autora acrescenta ainda que:

A disponibilidade mostrada ao aluno, o respeito e o afeto a ele transmitidos, a capacidade de mostrar-se acolhedor e positivo constituem os eixos em torno dos quais os alunos formam uma representação de seus professores. (SOLÉ, 2006, p.42)

No que se refere ao quinto eixo, **situações de fracasso na aprendizagem**, os professores assim responderam:

a) Olhe tem. Que repete de ano, que ele não aprendeu, eu não sei se é um bloqueio eu não sei se à minha metodologia que não chegou até ele né, é por isso que às vezes eu peço pra eles, digam como seria mais fácil pra que eles aprendessem, porque acontece e a gente fica angustiado, porque o objetivo do professor é que o aluno aprenda, quando não acontece a gente se sente até ... incapaz sabe... Eu vejo que eu poderia ter melhorado, e falho como profissional, mas a gente procura fazer o possível, mas acontece, é meio frustrante né, porque é como eu já disse a gente quer que o nosso aluno aprenda. (MARTA KOHL).

b) Bom, olha, eu acredito assim. É muito complexa essa questão de você afirmar que o aluno aprendeu ou não aprendeu né. Eu acredito que o ser humano de toda forma ele aprende é impossível ele vir na escola e não aprender nada, eu vou colocar uma situação que ele não correspondeu aos objetivos, ele aprendeu, mas não aprendeu aquilo que corresponde ao nível que ele está no meu caso é o nível II, que equivale ao 4º e ao 5º ano, onde as habilidades já devem estar mais desenvolvida como aquisição da leitura e escrita eles já devem ter uma leitura mais fluente, já devem né ter é... o domínio das operações fundamentais. E a gente vai ampliando, sistematizando isso para que eles possam avançar pro nível seguinte que é o nível III que equivale ao 6º e 7º ano. Então, eu nunca vi um aluno meu não aprender. Eu sempre falo pra eles, porém tem alguns alunos que são repetentes né, que estudaram comigo o ano passado, mas que eles estão repetindo a série esse ano, mas porque eles não atingiram as habilidades necessárias para serem promovidos para o nível seguinte. Por exemplo, eu tenho alunos que não chegaram que chegaram a minha série né ao meu nível, não alfabetizados, identificavam um pouco as letras, escreviam os nomes com dificuldades, não entendia a grafia é impressa de livros né, foi todo um trabalho pra fazer eles realmente concluírem esse processo de alfabetização, eles conseguiram ler ainda que naquele período silábico-alfabético. Contudo, não atingiram os objetivos para o nível II, então eles estão esse ano repetindo. Não sei se isso corresponde a sua pergunta, mas eu tô expondo essa situação porque eu acredito que não existe esse ser humano que não aprende né? Então, de toda forma ele aprende (PAULO FREIRE).

Após a análise das falas dos professores, verificamos que a professora Marta afirma que há aluno que não aprende e sente culpa por esse aprendizado não ter acontecido. Paulo se coloca de maneira muito positiva e fala que o aluno aprende sempre, mesmo não atingindo os objetivos daquele nível de ensino, ele está aprendendo e quanto a esse aprender mesmo quando não se aprende Solé (2006, p.39) explica o seguinte:

Assim, podemos afirmar que, quando aprendemos, aprendemos os conteúdos e também aprendemos que podemos aprender; quando não aprendemos os conteúdos, podemos aprender algo'.

No que concerne ao sexto eixo, **situações de sucesso na aprendizagem**, os professores, assim se pronunciaram:

a) Sim, eu tenho um aluno que ele aprendeu, ele aprendeu porque ele queria, esse aluno ele trabalha no Hospital, aqui das Quintas, como é o nome, o Giselda Trigueiro, ele queria, porque ele tinha que distribuir objetos ou roupas nas alas e ele não sabia. Então, ele sentia essa necessidade de aprender e ele veio e começou pelas letras, começou a ler textos, e hoje em dia ele é feliz, ele disse: professora hoje em dia eu distribuo todo esse material nas alas sem precisar que ninguém me oriente porque eu já sou capaz de ler, eu leio as placas dos carros, eu sei de onde vêm os carros, de qual parte do nosso Estado, porque eu já sou capaz de ler, então tudo isso, melhorou o desempenho dele na função dele e a mim como professora. (MARTA KOHL).

b) Bom, eu creio que os meus alunos aprendem todo dia se não eu acredito que eu seria o professor mais frustrado do mundo se terminasse uma aula e eu visse que o meu aluno não aprendeu nada. Mas, assim eu vou relatar uma situação cotidiana mesmo, nas aulas sempre que eu proponho um conteúdo novo né? Eu trabalho ainda com gramática né? Eu sou aquele professor que revisa esses conceitos que eu acredito que são importantes. Por exemplo, a gente trabalhou com substantivo, então, eu sempre reforçava essa questão, que tudo que existe tem um nome e o nome dessas coisas é substantivo, não existe um objeto uma pessoa, uma árvore, uma fruta, uma coisa que não tenha nome, então eu pedi que ele observasse coisas simples da sala de aula, cadeira lousa, e fossem me nomeando e ai eles me nomearam verbalmente, eu digo pronto agora tudo que vocês me disseram, nós vamos fazer uma lista, vocês vão listar isso. Quando eles terminaram, eu digo olhe isso é uma lista de substantivo, e toda vez que eles olham pra alguma coisa eles a professor, ou algum nome eles perguntavam né quando isso tava mais latente ainda, né, eles diziam professor é um substantivo né? Quando dizia olhe vá ali, professor pode beber água? Disse pode, ele disse professor água é substantivo né? Eu disse é parabéns né, então, eles reforçavam esse conceito, então eu notei que isso ficou bem né assimilado, isso ficou bem trabalhado e eu fiquei muito feliz, então isso é uma situação que eu posso compartilhar com você, de que há aprendizagem porque eu acho que como eram coisas que eram pertinentes ao dia a dia ao cotidiano, e eu facilitei isso né, com a mediação de coisas que estavam ao nosso redor, acho que isso facilitou, aproximou o conhecimento. Então, eles gravaram, assimilaram, acomodaram as informações com mais propriedade. (PAULO FREIRE).

Com relação às falas dos professores é possível perceber que a professora Marta afirma a necessidade do aluno para exercer o seu trabalho como um incentivo para que o mesmo desenvolva a aprendizagem e coloca isso como um ponto satisfatório para o aluno e para ela própria.

Na resposta de Paulo, ele reafirma que o seu aluno aprende todo dia, e quão frustrante seria se isso não ocorresse. Fala da necessidade de revisar a matéria, ao início de um conteúdo novo utiliza exemplos do cotidiano do aluno e de fácil exemplificação, pertinentes ao momento de mediação.

Assim, fica claro em sua fala que ensino só acontece quando este resulta em um aprendizado em que o aprendiz se torna capaz de recriar ou refazer o ensinado, ou seja, em que o que foi ensinado foi realmente aprendido pelo aprendiz.

No sétimo eixo, **função do professor na criação de estratégias de aprendizagem.** Obtivemos como respostas o seguinte:

a) Olhe, pra motivá-los é sempre com textos ilustrativos que trazem situações de aprendizagens, de motivação, de coisas que mostrem pra eles que apesar de idade, de cansaço eles são capazes e muitos deles vão à frente. (MARTA KOHL).

b) Eu acho que é valorizar o conhecimento prévio, principalmente no aluno da EJA, então a tudo que você for trabalhar, o aluno vivenciou. Você só vai ali é sistematizar aquilo que ele já sabe aquilo que ele já convive, aquilo que faz parte, ne você vai dar um outro olhar, um olhar novo, um olhar sistemático, vai ampliar. Então, valorizar aquilo que o aluno já traz consigo é muito importante sempre que eu vou trabalhar com algum tema, seja ela qual for, um exemplo o corpo humano, eu costumo vamos aqui falar aqui do corpo humano o que que vocês conhecem do corpo humano o que que vocês já sabem e a gente começa fazendo uma tempestade de ideias e ai eles vão dizendo as ideias, e a gente vai anotando. Eu pego um papel madeira, um pincel e a gente vai registrando quando, isso não acontece é na lousa mesmo, eles vão dizendo as ideias que eles já sabem e eu vou valorizando, olha gente, olha sé gente como vocês são capazes, como vocês são inteligentes, daqui a poucos vocês tão dando aula aqui pra mim que vocês já sabem de tudo e eles riem, eles se divertem e a partir dai a gente vai ampliando, né vou dando os nomes científicos né ai eles vão dizendo. Eu digo como é que nossos pais chamavam essa parte do corpo, um exemplo a professor “estambo”, eu digo, pois é, o nome é estômago, mas era muito comum, e pra que que serve o estômago, “Ah professor quando a gente enche o bucho”, digo pois é o bucho é o estômago. E a gente vai se apropriando vai se aproximando, isso são estratégias que são bem, é são bem eficazes, e são simples são é.. Geralmente verbais não precisa de tanto mistério, eu não sou aquele professor que gosta de enfeitar muito não, mas, eu gosto muito de aproximar, através da fala do diálogo, eu acho que enriquece muito, ele gostam muito dessa dinâmica. (PAULO FREIRE).

A professora Marta relata a utilização de “estratégias de aprendizagens” como recurso de motivação na sua prática educativa, quando procura proporcionar o

entendimento do seu aluno, na sua própria percepção de que ele é capaz, apesar do cansaço demonstrado por esse aluno.

Paulo relata a utilização exploratória dos conhecimentos prévios dos seus alunos quanto ao tema determinado para a aula. Segundo ele, há uma busca em sistematizar o conhecimento que o aluno já adquiriu sobre o assunto, explorar esses conhecimentos e fazê-los enxergar de outra maneira. Há uma preocupação em valorizar o conhecimento trazido pelos alunos, articulando-o ao conhecimento sistematizado, científico e com isso satisfazer a necessidade do aluno de saber e para conseguir alcançar o objetivo almeja com a utilização das estratégias é preciso concordar com Solé (2006, p. 35) quando afirma:

Para sentir interesse, deve-se saber o que se pretende e sentir que isso preenche alguma necessidade (de saber, de realizar, de informar-se, de aprofundar). Naturalmente, se um aluno não conhece o propósito de uma tarefa e não pode relacionar esse propósito à compreensão daquilo que implica a tarefa e às próprias necessidades, muito dificilmente poderá realizar aquilo que o estudo envolve em profundidade. (SOLÉ, 2006, p. 35).

No oitavo e último eixo analisado, **da utilização e frequência das estratégias de aprendizagem**, as respostas foram as seguintes:

a) Todos os dias, porque todos os dias eles chegam cansados muitos deles desmotivados devidos um dia de trabalho que não é fácil, muitos deles são pedreiros passam o dia em cima de lajes. As meninas passam o dia nas casas, são domésticas e é uma profissão que exige muito esforço físico. Elas chegam, cochilam, então que às vezes é preciso fazer mais aula mais dinâmica pra que eles não durmam na aula, então todos os dias é preciso ter motivação. (MARTA KOHL).

b) Ah sempre, eu acho que todos os dias a gente faz, geralmente, com conhecimentos prévios, é quando a gente vai introduzir um conteúdo novo. Então, nem todo dia eu vou usar o que sabemos sobre isso, por que tem dias tipo hoje, a gente vai reforçar o que a gente já viu, não tem a necessidade de eu chegar e o que nós sabemos sobre adjetivos, poxa, adjetivo é uma palavra que eles não sabiam não tá na linguagem cotidiana deles, não faz parte do vocabulário coloquial. Então é um termo da escola é um termo que a escola que a gramática usa, é uma palavra nova que eu vou tentar colocar no vocabulário deles e que vai ser utilizada a partir de então. Mas, eu falo qualidades, gente quais são as qualidades. Eu associo qualidades a adjetivo e aí eles fazem a ponte. Então, eles sempre lembram né, qualidade é adjetivo, característica é adjetivo. Nem toda aula a gente faz a valorização do conhecimento prévio. Quando a gente vai introduzir um assunto novo, tipo o humano, as plantas, o substantivo ou qualquer assunto novo eu gosto sempre de mostrar que já faz parte do cotidiano deles que não é nada de bicho de sete cabeças, mas e esse diálogo essa aproximação com a realidade a gente usa todas as aulas sempre, essa estratégia (PAULO FREIRE).

Nesse último eixo, tanto Marta quanto Paulo expressaram a necessidade da utilização de estratégias de aprendizagens diariamente. Marta fala que, em virtude do trabalho, o qual exige esforço físico durante o dia, as alunas domésticas sempre estão cansadas, por isso há uma necessidade de dinamismo e motivação durante as aulas para que elas não durmam. Paulo acrescenta que a valorização dos conhecimentos dos alunos é uma estratégia que sempre funciona, bem como retomar ou “revisar” como ele fala, os conteúdos já estudados auxilia na aprendizagem de uma nova leitura sobre os conteúdos.

A análise desses sete eixos nos mostra que os dois professores investigados apresentam uma concepção positiva sobre a aprendizagem dos seus alunos jovens e adultos. Nas suas falas, fica evidente o esforço e comprometimento com a aprendizagem dos alunos e com a criação de estratégias de aprendizagem que motivem a construção do conhecimento.

Portanto, mediante as análises dos conteúdos constantes nesse trabalho, percebe-se que a concepção dos professores com relação a aprendizagem dos estudantes da EJA, é que ela acontece sempre, com suas particularidades, sendo imprescindível a valorização do conhecimento prévio dos estudantes e a exploração de ideias e conteúdos que envolvam situações de seu cotidiano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as concepções expressas pelos professores (as), participantes e juntamente as contribuições teóricas com as quais dialogamos no decorrer deste texto, é cabível tecer alguns comentários acerca dessas questões conforme proposta inicial.

Assim, especificamente, sobre os resultados das análises dos eixos expostos nesse trabalho podemos perceber as concepções dos professores entrevistados sobre a aprendizagem do aluno da EJA. Desta feita, em suas entrevistas, exploram um perfil desse alunado como um ser que tem história, e já traz muitos conhecimentos, mas há muita sede em aprender.

Percebemos, nos sujeitos entrevistados, uma concepção positiva do aluno, destacada pela valorização do conhecimento prévio dos discentes e a compreensão de que todos aprendem, até mesmo quando não aprendem os conteúdos. Que,

apesar das dificuldades, esses alunos podem desenvolver e adquirir conhecimentos para sua realização pessoal ou profissional, sendo esses seus pontos de motivação.

A *aprendizagem*, discutida no transcórre desse estudo e alguns fatores que interferem na aprendizagem do aluno da EJA, têm no bojo de sua essência, particularidades, que, se consideradas dentro do contexto que se inserem, permitem mudanças que podem ser de grande importância para o cotidiano escolar, bem como na vida de cada aluno, por ocasiões ocorrem situações de fracasso, motivo de preocupação dos professores, mas na sua grande maioria o aprendizado é satisfatório para o aluno que narra suas conquistas, participam ativamente das aulas.

Comungando com o entendimento dos diversos autores estudados, nos debruçamos sobre a análise dos eixos determinados, nesta pesquisa percebemos através de suas concepções, que na prática educativa dos professores entrevistados eles fazem uso do conhecimento do conteúdo, aliado a algumas estratégias de ensino. De acordo com as respostas dos professores as estratégias são ferramentas utilizadas diariamente e essa utilização consegue, na maioria das vezes, que a aprendizagem do aluno ocorra de forma significativa, seja com a utilização de textos ilustrativos motivadores, seja com a utilização de palavras do cotidiano dos alunos.

Observamos que diante das falas desses professores (as) o caráter predominante de uma concepção positiva sobre aprendizagem dos alunos,

Conforme observado através das respostas dos sujeitos, a *motivação* enquanto recurso de grande valia no contexto da atividade escolar é bem compreendida e há utilização de estratégias de *ensino* desses educadores para que os seus alunos elevem o nível de aprendizagem.

O estudo realizado permitiu também que compreendêssemos *a aprendizagem como um* processo mediatizado pela cultura e os saberes e instrumentos cognitivos se constituem nas relações intersubjetivas. Sua apropriação implica a interação com os outros já portadores desses saberes e instrumentos. Em razão disso, é que a *motivação* e o *ensino* se constituem formas universais e necessárias do desenvolvimento mental, em cujo processo se ligam os fatores socioculturais e as condições internas dos indivíduos.

A aprendizagem do jovem e do adulto se constitui um desafio diante das demandas do mundo globalizado, nas sociedades de informações, com usos de

instrumentos tecnológicos cada vez mais avançados, em que a socialização de conhecimentos e experiências, é construída historicamente pelos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. IN: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia, GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2ª Ed. 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998a. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>> Acesso em: 01/06/2018.

FERREIRA, Maria Saloniilde. Currículo: que conteúdos são ensinados e aprendidos? **Revista Linguagens, Educação e Sociedade**, Terezinha, ano 12, n. 17, p. 09-20, jul./dez.2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam/Paulo Freire- São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 27/08/2017.

INEP - APA - Setor de Estatística – 2016. Dados processados em 16/09/2016 pelo Setor de Estatística - APA/SME. Disponível em: <natal.rn.gov.br/sme/paginas/File/IDEB_2015.pdf>. Acesso em: 07/09/2017.

KAUARK, Fabiana. **Metodologia da pesquisa**: guia prático/Fabiana Kauark Fernanda Castro Manhães e Carlos Henrique Medeiros – Itabuna: Via Litterarum, 2010.

MARCHAND, Helena D'Orey. **A idade da Sabedoria**. Coleção idade do Saber. Lisboa: Ambar 2005.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. A APRENDIZAGEM DO JOVEM E ADULTO E SEUS DESAFIOS FUNDAMENTAIS. Disponível na Webteca do Site do Núcleo de Estudos em Educação de Jovens e Adultos e Formação Permanente de Professores – www.nea.fe.usp.br/, 2003.

RIES, Bruno Edgar. **Aprendizagem na Fase Adulta**. Revista Ciências e Letras. Disponível em <http://www.fapa.com.br/cienciaseletras/publicacao.htm.p.24-38>, 2006.

SOLÉ, Isabel. Disponibilidade para a aprendizagem e sentido da aprendizagem. In: COLL, César et al. **O Construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.

APÊNDICE A**QUESTIONÁRIO PARA CONSTRUÇÃO DE DADOS REFERENTE AO PERFIL
DAS PESSOAS ENTREVISTADAS****UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Prezado Professor(a),

Para sistematização do meu Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia, preciso de sua colaboração, respondendo o presente questionário.

Sua participação será de grande importância, pois me dará os subsídios necessários para a realização dessa pesquisa, que tem como tema: **Aprendizagem de adultos: concepções de professores.** Informo que serão preservados os nomes dos entrevistados, sendo usados pseudônimos. Sua contribuição fará a ciência avançar nessa área de conhecimento, desde já agradeço.

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES(AS): PERFIL

1- Nome:

2- Idade:

3- Sexo:

- Feminino
 Masculino

4 - Sua Formação Acadêmica foi em:

- Instituição Privada
 Instituição Pública Federal
 Instituição Pública Estadual

5- Nome da Faculdade em que se formou:

6- Nível de formação:

- Graduação
 Pós- Graduação
 Mestrado
 Doutorado

7- Área de formação: (Curso)

8- Ano de conclusão do curso:

9- Especialização?

Sim

Não

Concluindo

10- Se concluindo, em que especialidade?

11- Cursos os quais participou nos últimos 10 anos:

12- Quanto tempo tem de profissão?

13- E na Educação de Jovens e Adultos?

14- Quantos anos faz que leciona na Escola a qual trabalha?

15- Tipo de vínculo:

Efetivo

Contratado/ Eletivo

Outro: _____

16- Qual nível de atuação atual?

17- Quantos alunos integram a sala?

APÊNDICE B**ROTEIRO UTILIZADO PARA ORIENTAÇÃO DAS ENTREVISTAS
DIALOGADAS****UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA****ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DA EJA**

- 01) Como você define o seu aluno adulto?
- 02) Você acha que seu aluno adulto é capaz de aprender?
- 03) Sua turma apresenta dificuldade de aprendizagem? Quais as maiores dificuldades detectadas?
- 04) Os seus alunos têm motivação para aprender? Em que situações?
- 05) Relate uma situação que seu aluno não aprendeu? Por que ele não aprendeu?
- 06) Relate uma situação que seu aluno aprendeu? Por que ele aprendeu?
- 07) Que estratégias de aprendizagem um(a) professor(a) pode construir para motivar seus alunos?
- 08) Você faz uso dessas estratégias? Com que frequência?

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante,

Obrigado por colaborar como voluntário da nossa pesquisa. O objetivo da mesma é **investigar concepções de professores de EJA sobre a aprendizagem dos alunos jovens e adultos.**

A pesquisadora terá acesso aos dados coletados das participantes sem, contudo, violar a confidencialidade necessária. Assim, Autorizo também a utilização dos dados obtidos para a realização de trabalhos e apresentação em encontros científicos. Concedo ainda o direito de retenção e uso para quaisquer fins de ensino e divulgação em jornais e/ou revistas científicas do país e do estrangeiro, mantendo sigilo sobre a minha identidade. Estou ciente que nada tenho a exigir a título de ressarcimento ou indenização pela participação nas ações propostas.

Se porventura eu tiver novas perguntas sobre este estudo, posso chamar **Ana Maria Dantas Barbosa** no telefone **(84) 99414-4454** para qualquer esclarecimento sobre os meus direitos como participante, ou se penso que fui prejudicado pela minha participação, posso entrar em contato com o prof. Dr. **Giane Bezerra Vieira** (orientador da pesquisa) no telefone **(84) 99985-9768**.

Todos os participantes receberão uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE via e-mail.

A assinatura desse formulário de consentimento formaliza sua autorização para o desenvolvimento de todos os passos anteriormente apresentados, como também a outras informações que poderão contribuir.

Declaro que após ter lido e compreendido as informações contidas neste formulário, concordo em participar desse estudo. E através deste instrumento, autorizo os pesquisadores Ana Maria Dantas Barbosa e Giane Bezerra Vieira a utilizarem as informações obtidas por meio dos questionários, entrevistas, registros escritos e observações, com a finalidade de desenvolver trabalho de cunho científico na área da Educação.

Autorizo também a publicação do referido trabalho, de forma escrita, podendo utilizar os resultados da análise. Concedo também o direito de retenção e uso para quaisquer fins de ensino e divulgação em jornais e/ou revistas científicas do país e do estrangeiro, estando ciente de que nada tenho a exigir a título de ressarcimento ou indenização pela minha participação na pesquisa.

Eu, _____, CPF _____, declaro para fins de participação na pesquisa intitulada **CONCEPÇÕES DE PROFESSORES SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EJA** na condição de sujeito que possibilita a compreensão do objeto de estudo, que fui devidamente esclarecido (a) das condições acima citadas e consinto voluntariamente em participar das atividades propostas.

Natal, 07 de novembro de 2017.

Responsável pela Pesquisa

Participante Voluntário
